

OS CONCEITOS DE MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E DE TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL A PARTIR DA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA AGRÁRIA

366

THE CONCEPTS OF MONOPOLIZATION OF TERRITORY AND TERRITORIALIZATION OF CAPITAL FROM THE PERSPECTIVE OF AGRARIAN GEOGRAPHY

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2024.262091>

João Emerson Cunha Silva
jemersonsantosc@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande – Paraíba - Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7797-6939>

Submetido 15.03.2024
Aceito em 30.04.2024

Resumo:

Os conceitos de territorialização do capital e de monopolização do território pelo capital possuem notável importância no campo da geografia agrária e têm sido, cada vez mais, utilizados como base teórica para fundamentar a explicação sobre o avanço do capitalismo no campo brasileiro. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender como esses dois conceitos têm sido utilizados para explicar o campo brasileiro no contexto do capitalismo monopolista. O método de procedimento empregado para o desenvolvimento da pesquisa tem como base a análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (2022), a qual foi aplicada no recorte bibliográfico selecionado para construção da pesquisa: os anais do Simpósio Internacional de Geografia Agrária (2003-2019). No âmbito dos resultados da pesquisa, destacamos a marcante presença dos conceitos de monopolização do território e de

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



territorialização de monopólios em diversas pesquisas publicadas nos anais do evento analisado, principalmente a partir de uma fundamentação teórica voltada à discussão proposta por Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

Palavras-chave: Território; Monopolização do território; Territorialização do capital; Geografia agrária.

367

Abstract:

The concepts of territorialization of capital and monopolization of territory by capital have notable importance in the field of agrarian geography and have been increasingly used as a theoretical basis to support the explanation of the advance of capitalism in the Brazilian countryside. From this perspective, the general objective of this work is to understand how these two concepts have been used to explain the Brazilian countryside in the context of monopoly capitalism. The procedural method used to develop the research is based on content analysis, based on Bardin (2022), which was applied to the bibliographical section selected for the construction of the research: the proceedings of the International Symposium on Agricultural Geography (2003-2019). Within the scope of the research results, we highlight the striking presence of the concepts of monopolization of territory and territorialization of monopolies in several studies published in the annals of the analyzed event, mainly based on a theoretical foundation focused on the discussion proposed by Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

Keywords: territory, monopolization of territory, territorialization of capital, agrarian geography.

Introdução

O desenvolvimento de atividades agrárias no campo brasileiro, historicamente, obteve grande influência na estruturação da sociedade e na formação territorial do país, tal qual evidenciam pensadores clássicos do agrário brasileiro, como Andrade (2011) e Prado JR (2014). Atualmente, a produção agrícola ocupa um papel majoritário no âmbito da pauta de exportação brasileira, principalmente a partir da expansão da agricultura tipicamente capitalista, revelando em curso um processo de reprimarização da economia, como destacam Delgado e Leite (2023).

Nesse contexto, o avanço do capitalismo no campo brasileiro tem provocado mudanças significativas em sua estrutura fundiária, nas relações de produção desenvolvidas até então, além de impactos diretos na agricultura tipicamente camponesa. Nessa perspectiva, foram formulados pelo geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira dois importantes conceitos que explicam essas transformações territoriais recentes no campo brasileiro: a monopolização do território pelo capital e a territorialização do capital ou também cognominada territorialização de monopólios. Ambas apresentam processos distintos em curso no campo, possuindo não

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

apenas características de ocorrência específicas, mas também resultados que se apresentam de formas distintas no âmbito das relações desenvolvidas nas atividades agrárias.

Desse modo, compreender essas transformações territoriais por meio dessas duas importantes ferramentas teóricas é essencial no quadro dos estudos agrários e essa análise tem sido feita por diversos pesquisadores da geografia agrária que se preocupam com os impactos sociais, ambientais, fundiários e econômicos provocados pelo avanço da agricultura tipicamente capitalista no campo. Ademais, vale ressaltarmos que esses estudos realizam o diálogo dos dois processos a partir de um importante conceito da geografia: o território.

Isso posto, destacamos que o objetivo da pesquisa é compreender como os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital têm sido utilizados para explicar o campo brasileiro no contexto do capitalismo monopolista. No âmbito metodológico, utilizaremos a análise de conteúdo proposta por Bardin (2022) para análise dos artigos publicados no Simpósio Internacional de Geografia Agrária que discutem os dois processos. Nesse contexto, para definição do conjunto de trabalhos a serem analisados, o chamado *corpus* de análise, utilizaremos uma técnica qualitativa da análise de conteúdo conhecida como “presença ou ausência”.

As pesquisas publicadas nas sete edições analisadas do evento (2003-2019) acumulam um total de 4.306 pesquisas (incluindo trabalhos completos e resumos expandidos e excetuando-se as comunicações coordenadas). E, desse conjunto, identificamos centenas de pesquisas que mencionam os conceitos de territorialização de monopólios e monopolização do território, as quais constituíram o recorte bibliográfico que subsidiou o presente estudo.

Portanto, a pesquisa trilha caminhos para compreender como os processos de territorialização do capital e de monopolização do território têm sido abordados nas pesquisas da geografia agrária e destacando também nesse percurso o papel que o conceito de território vem desempenhando nas pesquisas que lançam olhares sobre o campo brasileiro e acerca de suas contradições.

Os processos de territorialização de monopólios e monopolização do território na agricultura a partir da ótica do conceito de território

No contexto dos estudos agrários e, conseqüentemente, da relação entre eles e o conceito

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

de território, é importante destacar dois importantes processos elaborados para explicação teórica das transformações territoriais em curso no campo brasileiro, que são a monopolização do território na agricultura e a territorialização de monopólios na agricultura ou também denominada territorialização de monopólios na agricultura, como nos apresenta Oliveira (2016).

Ambos os processos ocorrem no campo brasileiro e põem o campesinato em posição de subalternidade frente às classes dominantes do modo capitalista de produção. A abordagem teórica desses dois processos acabou influenciando fortemente pesquisas em geografia agrária, inclusive marcando presença em diversos artigos publicados em anais de edições do SINGA. Adicionalmente, vale ressaltar que a territorialização de monopólios e a monopolização do território em curso num contexto de mundialização da agricultura¹ possuem como aporte o território, visto a partir do prisma da geografia crítica, conceito que vem galgando cada vez mais espaço na reflexão teórica da geografia.

Acerca do território, é importante pontuar que nem o sempre o conceito teve centralidade no pensamento geográfico. Na geografia clássica, compreendida segundo Claval (2014) entre os anos de 1880 e 1950, o conceito de território foi discutido de modo pontual por autores anarquistas como Reclus (1990) e Kropotkin (2018) e por pensadores influenciados pelo Darwinismo², como Ratzel (1990).

No âmbito da geografia teórica-quantitativa, conforme Côrrea (2000), o conceito de território não teve representatividade no campo do pensamento geográfico, assim como o conceito de lugar. Segundo o autor, nessa corrente de pensamento predominou a base filosófica advinda do positivismo lógico ou neopositivismo, que priorizava o raciocínio hipotético-dedutivo e a adoção de modelos matemáticos nos estudos em geografia.

Esse contexto de silenciamento do território nos estudos geográficos altera-se somente

¹ O termo mundialização da agricultura é discutido por Ariovaldo Umbelino de Oliveira em diversos trabalhos, destacando que esse processo vem ocorrendo sob o comando do neoliberalismo e implicou em mudanças na agricultura capitalista, como a defesa do fim dos subsídios à agricultura camponesa, a troca de políticas de soberania alimentar por políticas de segurança alimentar, a substituição dos estoques de alimentos governamentais por estoques de empresas monopolistas mundiais e a regulação das relações comerciais pela Organização Mundial do Comércio (OMC). (Oliveira, 2015)

² A relação entre Ratzel e o Darwinismo é fundamentada na reflexão elaborada por Claval (2007), o qual menciona que a influência do livro “A Origem das espécies”, especialmente no que diz respeito à luta pela vida entre os seres vivos, acabou limitando o interesse de Ratzel pelos fatos da cultura e dando à sua obra um caráter essencialmente político.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

com o advento de mudanças mais amplas no quadro dessa ciência que ocorrem no contexto da chamada virada³ cultural da disciplina. Saquet (2020) cita que o movimento de reelaboração do pensamento geográfico, que ocorreu nas décadas de 1950/1960/1970, fundamentado numa postura antipositivista e em abordagens baseadas no materialismo histórico e na fenomenologia possibilitou a redescoberta do conceito de território.

Esse movimento de renovação do pensamento geográfico atingiu a geografia agrária, notadamente a partir do surgimento da geografia agrária crítica a partir de autores precursores como Manuel Correia de Andrade e Orlando Valverde, consoante atestam Bombardi (2008) e Marques (2018). Ademais, autores de gerações posteriores corroboraram para o aprofundamento e consolidação da abordagem materialista na geografia agrária, como Ariovaldo Umbelino de Oliveira, que tem o território como um conceito central na sua reflexão acerca do agrário.

Paulino (2007) destaca que a obra de Ariovaldo Umbelino de Oliveira reinsere na agenda da geografia agrária o conceito de território através da formulação de dois conceitos fundamentais: a monopolização do território e a territorialização do capital. Esses conceitos são basilares para pensar o agrário e podem auxiliar a responder questões como: de qual forma o capitalismo tem avançado no campo? Quais os principais mecanismos envolvidos? Quais agentes participantes neste processo e impactos nas dinâmicas social, estrutural e produtiva do campo?

Nesta perspectiva, Oliveira (2012) nos aponta, especificamente, que os dois processos se desenvolvem e são construídos através de uma lógica, muitas vezes, contraditória. Segundo o autor supracitado, o desenvolvimento da agricultura via industrialização acaba unindo o que em sua origem o capitalismo separou: agricultura e indústria. Acerca disso, segundo Oliveira (2007) a pequena indústria dos camponeses foi dissolvida pelo avanço do capitalismo, como aponta o excerto abaixo:

Essa nova situação passou a ser alterada com grande profundidade quando a indústria essencialmente urbana e o comércio promoveram a dissolução da

³ Acerca da virada cultural, Claval (2022) aponta que esse movimento não foi fruto de uma forma específica de orientação geográfica, mas resultou da confluência de correntes como geografia radical, geografia humanista, teoria dos sistemas, movimentos estruturalista e pós-estruturalistas e a abordagem cultural, esta última considerando, inclusive, que todos os fatos geográficos são de natureza cultural como afirma Marques (2008).

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

pequena indústria dos camponeses. Assim, a indústria que antes só produzia para a cidade e os subúrbios, passou fabricar ferramentas que o camponês não conseguia produzir, da mesma maneira que passou a criar novas necessidades que penetravam no meio agrícola de maneira tanto mais rápida e irresistível, quanto mais ativas se tornavam as relações entre a cidade e o campo. A superioridade da indústria urbana transformou os produtos da pequena indústria camponesa em artigos de luxo. (Oliveira, 2007, p. 17)

Assim, Oliveira (2007) elucida o que o avanço do capitalismo ocasionou no campo em períodos passados⁴ e explica atualmente como o processo vem ocorrendo. Em relação à territorialização do capital, Oliveira (2012) assevera que, nesse processo, o capital se territorializa, promove o esvaziamento do campo, concentra trabalhadores nas cidades que passam a fornecer mão de obra para o comércio e os serviços ou, até mesmo, para serem assalariados no campo.

Ademais, Oliveira (2012) aponta que neste processo ocorre a implantação de relações tipicamente capitalistas de produção no campo, marcadas pela presença do assalariamento e da implantação das monoculturas, como cana-de-açúcar, soja, laranja, etc. Por conseguinte, ainda dentro desta perspectiva teórica, as relações tipicamente capitalistas passam a atuar no campo e a contribuir para o avanço do capitalismo.⁵

Ainda nesta perspectiva, Oliveira (2016), na elucidação da mundialização da agricultura brasileira, aponta outros importantes elementos constitutivos da territorialização de monopólios na agricultura/ territorialização do capital. Acerca dessa questão, o excerto abaixo menciona que:

A territorialização dos monopólios atua simultaneamente, no controle da propriedade privada da terra, do processo produtivo no campo e do processamento industrial da produção agropecuária e florestal (silvicultura). Ou seja, o proprietário da terra, do capital agrícola e do capital industrial é mesma pessoa física ou jurídica. Portanto, não há a junção de duas classes sociais distintas, proprietário da terra e capitalista, em uma só, como pensam muitos intelectuais. (Oliveira, 2016, p. 127)

⁴ Para uma explicação aprofundada deste processo, verificar o capítulo 3 do livro “Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária” de Ariovaldo Umbelino de Oliveira.

⁵ A partir da análise feita por Oliveira (2007, p. 20) sobre capitalismo e agricultura, o autor entende que “O desenvolvimento do modo capitalista de produção, entendido como processo contraditório de reprodução ampliada do capital, pressupõe a criação capitalista de relações não-capitalistas de produção, uma vez que o capital, ao reproduzir-se, reproduz também de forma ampliada as suas contradições”.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Assim, identifica-se que na territorialização de monopólios não ocorre junção de classes⁶ sociais distintas, na perspectiva marxista do termo, elas apenas se materializam na figura de uma pessoa física ou jurídica. Assim, o processo de territorialização de monopólios na agricultura, especificamente nos setores sucroenergético e de plantio de florestas, deriva do entrelaçamento entre o capital nacional e estrangeiro, soldado pelo processo de mundialização do capital. Nessa situação, capitalista da indústria, proprietário de terra e capitalista da agricultura compõem uma só pessoa ou uma só empresa, que arrecada o lucro da indústria, da agricultura e a renda da terra. (Oliveira, 2016)

Além disso, Oliveira (2016) aponta que na territorialização de monopólios ocorre uma subordinação da circulação em relação à produção e que os principais setores agrícolas em que esse processo está presente são o sucroenergético e o de celulose, papel e madeira, fato explicado pelo elevado peso dessas matérias-primas, elemento que acaba limitando a área de plantio.

Em outro âmbito de atuação do capitalismo na agricultura, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, em trabalhos como Oliveira (2016) e Oliveira (2012), nos indica o que constitui e quais as principais características da monopolização do território na agricultura. É importante ressaltar que nesse processo o capitalismo não utiliza relações especificamente capitalistas de produção (assalariamento) para a produção no campo, mas subordina a produção tipicamente camponesa.

Antes de adentrarmos na reflexão sobre esse processo, é fundamental apontarmos algumas questões referentes ao campesinato, classe que, muitas vezes, acaba tendo sua produção monopolizada com a implantação das ações do capital. Nesse sentido, no campo dos estudos agrários, algumas teorias foram desenvolvidas para explicar o avanço das relações capitalistas no campo, todavia as três principais correntes divergem em relação ao destino da classe camponesa nesse modo de produção. (Oliveira, 2007)

A primeira delas é teoria da destruição dos camponeses e da modernização dos

⁶ A respeito do conceito de classe, Bottomore (2001, p.61) menciona que: “O conceito de classe tem uma importância capital na teoria marxista, conquanto nem Marx nem Engels jamais o tenham formulado de maneira sistemática. Num certo sentido, ele foi o ponto de partida de toda a teoria de Marx, pois foi a descoberta do PROLETARIADO como a ideia no próprio real” – uma nova força política engajada em uma luta pela emancipação – que fez Marx voltar-se diretamente para a análise da estrutura econômica das sociedades modernas e de seu processo de desenvolvimento.”

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

latifúndios, chamada de teoria clássica, admite a generalização das relações de produção especificamente capitalistas na agropecuária e compreendem que isso se daria por dois caminhos: a destruição do campesinato pelo processo de diferenciação interna e por meio da modernização do latifúndio via introdução de maquinário e de insumos modernos que permitiriam os latifúndios evoluírem para empresas rurais capitalistas. Já a segunda é conhecida como teoria da permanência das relações feudais, a qual visualiza os camponeses e os latifúndios como evidências das relações feudais de produção no campo. (Oliveira, 2007)

A terceira teoria é a da criação e recriação do campesinato e do latifúndio. Nessa abordagem, o campesinato é entendido como uma classe social de dentro do capitalismo e não fadada ao desaparecimento ou vista como resquício de uma feudalidade, como propõem outras correntes de pensamento. Acerca dessa abordagem, o excerto a seguir destaca:

Entendem esses autores que esse processo contraditório do desenvolvimento capitalista decorre do fato de que a produção do capital nunca é, ou seja, nunca decorre de relações especificamente capitalistas de produção, fundadas, pois, no trabalho assalariado e no capital. Para que a relação capitalista ocorra é necessário que seus dois elementos centrais estejam constituídos, o capital produzido e os trabalhadores despojados dos meios de produção. Isto é, a produção do capital não pode ser entendida nos limites das relações especificamente capitalistas, pois estas são na essência, o processo de reprodução ampliada do capital. É uma espécie de acumulação primitiva permanente do capital, necessária ao seu desenvolvimento. (Oliveira, 2007, p.11)

Ainda no contexto da teoria da criação e recriação do campesinato e do latifúndio, Lima (2017) afirma que a abordagem dessa corrente teórica da geografia agrária por Ariovaldo Umbelino de Oliveira dialoga teoricamente com pensadores como José de Souza Martins, Theodor Shanin, Rosa Luxemburgo, Karl Marx, entre outros. Esses esclarecimentos são importantes para entendermos o universo teórico em que a monopolização do território está inserida e o papel que ela desempenha no âmbito da manutenção do campesinato em suas terras, mesmo com a extração de parte da renda da terra produzida.

Desse modo, entendida a interpretação teórica do avanço do capitalismo para essa abordagem da geografia agrária, Oliveira (2012) menciona que na monopolização do território, o capital cria, recria e redefine as relações de produção camponesa, abre espaço para que a

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

produção camponesa se desenvolva junto ao campesinato como classe social do modo capitalista de produção. Destarte, possibilita a permanência dos camponeses no campo e contribui para a distribuição de riquezas no campo e na cidade, mesmo que em escala reduzida.

Na monopolização do território, segundo Oliveira (2005), o capital disponibiliza as condições para que os camponeses produzam as matérias-primas que necessitam ou possibilitam o consumo de produtos industriais no campo como, por exemplo, a ração para a avicultura.

Por conseguinte, ocorre neste processo a sujeição da renda da terra camponesa ao capital e a subordinação da produção em relação à circulação, como aponta Oliveira (2016) nos casos relativos à monopolização do território efetuados no setor produtor de café, em que a produção é efetuada majoritariamente pela agricultura de base familiar (camponesa), mas grandes *tradings* realizam a sua comercialização. Acerca dessa temática, afirma:

A monopolização do território é desenvolvida pelas empresas de comercialização e/ou processamento industrial da produção agropecuária, que sem produzir no campo, controlam através de mecanismos de subordinação, camponeses e capitalistas produtores do campo. As empresas monopolistas atuam como players no mercado futuro das bolsas de mercadorias do mundo, e, às vezes controlam a produção dos agrotóxicos e fertilizantes. (Oliveira, 2016, p. 233)

Nessa perspectiva, o autor compreende que o avanço do capitalismo na agricultura, via monopolização do território, acaba subordinando tanto produtores camponeses à lógica do mercado quanto a própria renda da terra ao capital. Ademais, Ariovaldo U. de Oliveira também compreende que essas empresas de comercialização e/ou processamento industrial, mesmo sem serem as responsáveis pela produção, acabam levando o crédito pelo fornecimento dos produtos através do processo que a mídia econômica tem cognominado de *originação* (*origination*).

Alves e Lindner (2020) apresentam um estudo de caso que exemplifica a atuação do processo de monopolização do território no Sul de Minas Gerais, especificamente no setor cafeeiro, no qual os autores apontam que as cooperativas atuam no sentido de cooptar os agricultores familiares na dinâmica do agronegócio do café, como fica evidente no segmento abaixo:

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Dados do Censo Agropecuário de 2017, apontam que dos 116.618 produtores rurais no Sul de Minas, 88.171 produtores são familiares, representando 75,6% do total. Quanto a relação com as cooperativas agrícolas, 29,1% dos agricultores são cooperados, ou seja, 33.933 produtores. Destes cooperados 67,8% são agricultores familiares, totalizando 23.016 agricultores. Isso reforça a ideia da monopolização do território, onde as cooperativas auxiliam e cooptam os pequenos produtores a ingressar na dinâmica do agronegócio cafeeiro.

As dezenas de cooperativas existentes na região servem para auxiliar, dar assistência técnica e extensão rural, agrotóxicos, armazenamento dos grãos, financiamento e crédito, ou seja, a monopolização do território. Entre as principais cooperativas na região destacam-se a Cooxupé, Cooparaíso, Coopfam, Cocatrel e Unicoop. Por outro lado, os agricultores familiares tornam-se dependentes das relações comerciais e mercado das cooperativas, perdendo sua autonomia e ficando mais susceptíveis as oscilações do mercado mundial. (Alves; Lindner, 2020, p. 445)

O texto de Alves e Lindner (2020) cita o caso específico da monopolização no setor cafeeiro, todavia o processo atua em outras culturas, como nos setores de grãos, fibras, café, sementes, tabaco e lácteos consoante menciona Oliveira (2016). Além disso, Oliveira (2016) aponta, no contexto da produção agrícola brasileira, exemplos de empresas monopolistas que atuam em diversos segmentos do setor primário, como carne bovina, suco de frutas, carne de aves e de suínos e que, portanto, monopolizam o território e os setores em que atuam.

Com isso, através da discussão efetuada acerca de território, territorialização do capital/de monopólios e monopolização do território, pretendemos elucidar como esses dois processos têm sido utilizadas no âmbito dos estudos agrários publicados em anais dos SINGA e buscar demonstrar a centralidade que o conceito de território tem assumido para pensar a luta pela terra a partir da diversidade de povos do campo, tendo em vista que além de camponeses, outros povos, através de processos específicos, também são subalternizados por esses processos, como comunidades quilombolas, povos indígenas, ribeirinhos, caiçaras, vazanteiros, entre outras populações que integram o campo brasileiro.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

As abordagens da monopolização do território e da territorialização de monopólios em pesquisas publicadas nos anais do Simpósio Internacional de Geografia Agrária

Os Simpósios Internacionais de Geografia Agrária ocorrem a mais de duas décadas⁷, constituindo um espaço de reflexão e debate sobre temáticas, teorias e métodos de interesse da geografia agrária e de áreas afins. O evento agrega um perfil de participantes bastante plural, entre os quais destacamos integrantes de movimentos sociais, professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação, representantes de povos indígenas, quilombolas, pescadores, etc.

De certo modo, essa marca heterogênea de participação no evento contribuiu não apenas para a consolidação desse simpósio como um dos mais destacados eventos da geografia agrária brasileira, mas também possibilitou, gradativamente, a construção de diálogos plurais em relação aos estudos sobre o campo no país, como evidenciam os temas nodais dos grupos de trabalhos, também chamados de eixos temáticos, realizados nas nove edições do SINGA.

Aditivamente, destacamos que essa pluralidade do SINGA torna-se mais palpável à medida que visualizamos os principais temas, conceitos adotados e objetos de pesquisa numa ótica temporal, isto é, analisando os pontos de interesse das pesquisadoras e dos pesquisadores ao longo dos vinte anos de trajetória do evento. Um exemplo que verificamos e que apresentaremos com mais detalhes no transcorrer do texto é a crescente utilização dos conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital nas pesquisas analisadas do evento.

Numa perspectiva espacial, de notável interesse para o pensamento geográfico, as pesquisas publicadas no SINGA desvelam um campo brasileiro múltiplo, de territorialidades distintas, de povos e comunidades com modos específicos de compreender e de se relacionar com os territórios. Entretanto, essas pesquisas também desnudam uma alarmante realidade do

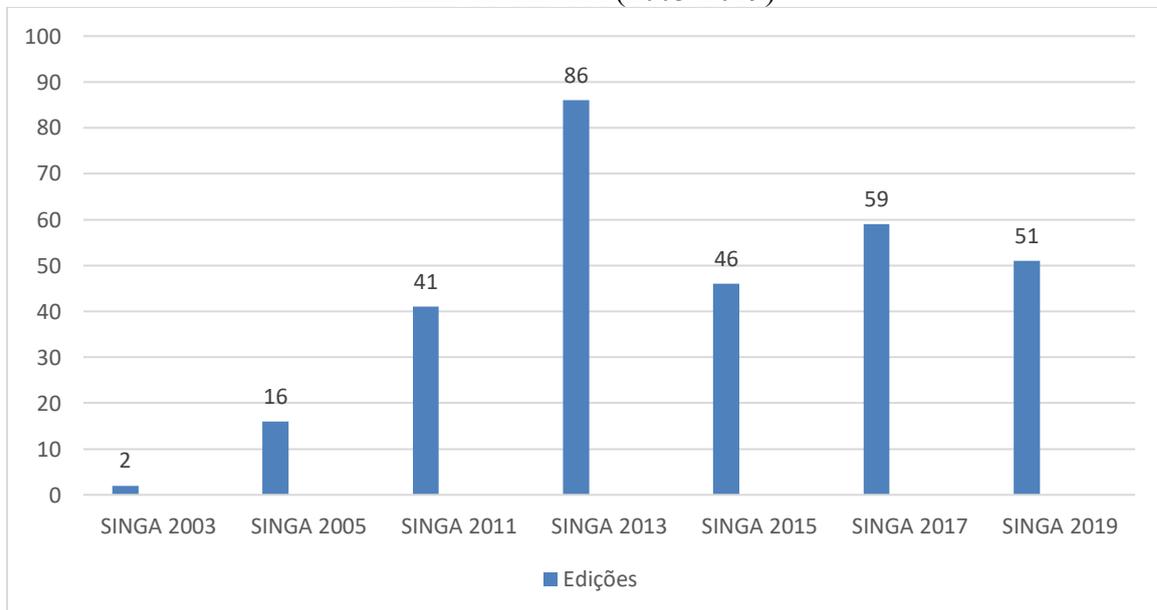
⁷ Acerca das edições do SINGA, é necessário apontarmos que esse simpósio, como evidencia Marques (2018), agrega num mesmo evento dois eventos nascidos em períodos distintos, especificamente, o Simpósio Nacional de Geografia Agrária foi realizado pela 1ª vez na Universidade de São Paulo, em 1998, e, nessa edição específica, não houve a publicação de anais dos trabalhos apresentados. Já o Simpósio Internacional de Geografia Agrária surgiu em 2003, também na USP, mas desta vez a edição contou com a publicação de trabalhos em seus anais. Dessa forma, justificamos a escolha do recorte temporal adotado nesta pesquisa (2003-2019) em função da impossibilidade de acessarmos os trabalhos apresentados na edição pioneira de 1998.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

nosso campo, e que não é efetivamente uma novidade na geografia agrária⁸, notadamente a violência no campo, os conflitos por terra, a exploração e as desapropriações/desterritorializações dos povos e comunidades tradicionais.

Em relação à discussão acerca da monopolização do território e da territorialização de monopólios, identificamos uma abordagem crescente ao longo de trabalhos publicados nas sete edições analisadas do SINGA. No gráfico a seguir, ilustramos o crescimento da utilização do conceito de territorialização do capital em textos analisados do simpósio

Gráfico 1 – A utilização do conceito de territorialização do capital em textos publicados nos anais do SINGA (2003-2019)



Fonte: anais do SINGA. Org. Autor.

A partir dos dados expostos no gráfico 1, compreendemos que há um movimento de crescimento da utilização do conceito de territorialização do capital em textos que buscam entender os meandros provocados pelo avanço do modo capitalista de produção no âmbito do

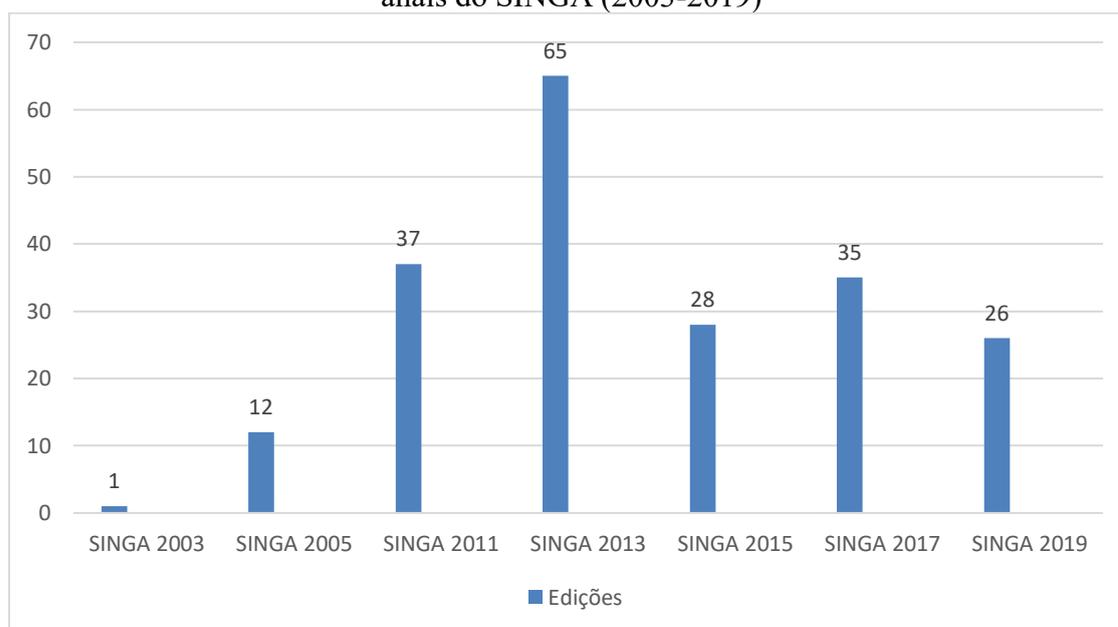
⁸ Os estudos agrários registram a existência de uma forte concentração fundiária do campo brasileiro e da existência de uma questão agrária até hoje não resolvida, que, junto a outros fatores, são elementos que contribuem para os assustadores índices de violência no campo. Algumas das obras que desvelam essa questão agrária, entre tantas outras, são Oliveira (2007) e Prado Júnior (2014). Todavia, vale salientarmos que, apesar das obras partirem de uma mesma matriz teórica para interpretar o campo sob avanço do capitalismo (marxista), defendem teses distintas, Oliveira (2007) participa da teoria da criação e recriação do campesinato e do latifúndio, enquanto, Prado Júnior (2014) integra a corrente interpretativa da modernização do latifúndio e destruição do campesinato.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

espaço agrário brasileiro. Na primeira edição do SINGA apenas duas pesquisas trataram do conceito: Mendonça e Thomaz Junior (2003) e Conceição(2003). Todavia nas edições seguintes, notadamente nas realizadas a partir do SINGA 2013, ocorreu um aumento expressivo do conceito em textos analisados, o que denota a preocupação de geógrafas e geógrafos com a territorialização do capitalismo, que, muitas vezes, ocorre via desapropriação não somente de territórios camponeses, mas também de territórios indígenas, entre outros.

Além da territorialização do capital, buscamos detectar como o conceito de monopolização do território tem subsidiado e sendo utilizado em estudos agrários no recorte⁹ analisado. Nesse sentido, o gráfico abaixo aponta o uso do conceito em pesquisas publicadas nos anais do SINGA por ano de edição do evento.

Gráfico 2 - A utilização do conceito de monopolização do território em textos publicados nos anais do SINGA (2003-2019)



Fonte: anais do SINGA. Org. Autor.

⁹ Cabe pontuarmos que o SINGA possui nove edições de seus anais publicadas até o desenvolvimento desta pesquisa e deste conjunto analisamos 7 edições (2003, 2005, 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019). As edições de 2007 e de 2009 não entraram no recorte bibliográfico analisado, uma vez que tivemos dificuldades relacionadas ao acesso dos anais dessas edições no momento do desenvolvimento do estudo.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

O uso do conceito de monopolização do território também têm sido frequente em textos publicados nas edições analisadas. Assim como ocorreu com o conceito de territorialização do capital, identificamos um crescimento da discussão acerca da monopolização do território, ainda que de modo menos presente que o conceito destacado no gráfico 1.

Além da identificação da presença dos conceitos no recorte bibliográfico analisado, procuramos compreender a partir de quais referências teórico-metodológicas os conceitos de territorialização do capital e de monopolização do território na agricultura tem sido abordados. Dentro deste panorama, identificamos os autores que são recorrentemente citados como referências teóricas acerca dos dois processos. Os resultados seguem no quadro abaixo:

Figura 1 – Autores identificados como base para discussão das teorias da monopolização do território e da territorialização do capital

Territorialização do capital	→ Ariovaldo U. de Oliveira Bernardo Mançano Fernandes Eliane Tomiasi Paulino
Monopolização do território	→ Ariovaldo U. de Oliveira Eliane Tomiasi Paulino

Fonte: anais do SINGA. Org. Autor.

A partir das informações expostas no quadro e das obtidas no levantamento bibliográfico, constatamos a prevalência da discussão proposta por Ariovaldo Umbelino de Oliveira acerca dos dois processos, constando sua discussão em artigos de todas as edições analisadas. Compreendemos que essa recorrência está associada ao fato do próprio autor ter formulado os dois conceitos através de uma fundamentação teórico-metodológica ancorada no materialismo histórico enquanto teoria e na dialética marxista enquanto método.

As abordagens sobre territorialização do capital e monopolização do território são utilizadas em dezenas de textos analisados e que analisam temáticas/questões de pesquisa em diversos pontos do território brasileiro. Alguns textos que exemplificam essa presença são o trabalho de Correia e Moreira (2013), que estuda a extração da renda da terra pelo capital na

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

agricultura camponesa de Nova Floresta -PB, além de pesquisas como a de Vasconcelos e Diniz (2013), a qual analisa o perímetro irrigado do Baixo Acaraú no Ceará e a pesquisa de Mauro e Calaça (2017), que traz uma análise acerca da expansão do agronegócio no Centro-Oeste brasileiro.

Outro autor que recorrentemente foi utilizado para embasar a discussão acerca da territorialização do capital foi Bernardo Mançano Fernandes. Pensador vinculado à geografia agrária crítica e que traz reflexões acerca desse conceito tomando como referência a produção intelectual de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. A abordagem de Bernardo M. Fernandes sobre a territorialização do capitalismo no campo é abordada em pesquisas como a de Santos e Mattos Junior (2011), que discute a territorialização dos assentamentos rurais no Maranhão.

Além disso, Eliane Tomiasi Paulino também¹⁰ foi identificada como uma referência para tratar tanto da questão da territorialização do capital, quanto da monopolização do território na agricultura. No texto de Sousa e Sousa (2011), dedicado ao estudo da política de agricultura irrigada e da contradição capital/trabalho na Fazenda Queiroz Galvão, os autores dialogam com Eliane Tomiasi Paulino no que tange à territorialização do capital e monopolização do território, mencionando que:

Nessa perspectiva, de acordo com Paulino (2007), a territorialização do capital acontece mediante controle da terra, podendo ser pela compra, pelo arrendamento, e, principalmente, pela contratação de trabalhadores assalariados que realizam a sua produção. Já na monopolização do território sem a territorialização do capital, o que está em jogo é a sujeição da renda da terra gerada pelo trabalho e, portanto, sua reprodução. (Sousa; Sousa, 2011, p. 8)

Nesse sentido, depreendemos que os dois processos têm diferenças fundamentais, enquanto a territorialização do capital atua num controle objetivo ou direto da terra tomada enquanto propriedade do capital, a monopolização do território não controla diretamente a terra, a qual pertence, muitas vezes, a camponeses que trabalham na terra, mas que têm sua produção monopolizada por grandes empresas do setor agrícola que atuam notadamente na venda de

¹⁰ É importante pontuar que além dos autores citados no transcorrer da pesquisa, outros também trouxeram contribuição em relação aos conceitos aqui discutidos de monopolização do território e de territorialização do capital.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

produtos que elas não necessariamente produziram.

Adicionalmente, no desenvolvimento da pesquisa procuramos analisar as principais temáticas verificadas nos artigos que discutem os conceitos de territorialização do capital e de monopolização do território na agricultura analisados, tendo em vista que essa análise pode nos indicar os principais segmentos do setor agropecuário que têm sido impactados pelos dois processos. Os resultados estão expressos no quadro 1:

Quadro 1 - Temáticas atreladas aos processos de Territorialização de monopólios e monopolização do território

PROCESSO	TEMÁTICAS
TERRITORIALIZAÇÃO DE MONOPÓLIOS	Agronegócio
	Setor de papel, madeira e celulose
	Questão agrária
	Campesinato vs agronegócio
	Conflitos territoriais
	Agrocombustíveis
MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO	Renda da terra
	Campesinato x agronegócio
	Camponeses
	Agronegócio
	Agrocombustíveis

Fonte: anais do SINGA. Org. Autor.

Portanto, de acordo com as informações apresentadas, diversas temáticas trabalhadas foram referenciadas no processo da territorialização de monopólios, valendo destacar que, na maioria das vezes, essas temáticas eram trabalhadas de modo relacional e não de forma isolada, como no caso da discussão das disputas territoriais efetuadas entre o agronegócio e o campesinato que, recorrentemente, foram identificadas ao longo da análise bibliográfica. Outras temáticas foram trabalhadas embasando-se teoricamente na territorialização de monopólios/ territorialização do capital, como a discussão em torno de aspectos ligados ao agronegócio, aos setores de papel, madeira e celulose e no âmbito da temática da questão agrária. Esse quadro

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. Revista Rural e Urbano, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

revelou a amplitude teórica da territorialização de monopólios, instrumento teórico que possibilitou a análise de diversas temáticas ao longo da revisão pesquisada.

Outro ponto de investigação da nossa pesquisa foi entender a aplicação do processo de monopolização do território na agricultura nos estudos agrários publicados nos SINGAS. Assim, as principais temáticas detectadas e destacadas no quadro 1 foram as disputas entre camponeses e agronegócio, questões específicas vinculadas ao estudo do campesinato, agronegócio, agrocombustíveis e renda da terra. Aditivamente, vale destacarmos que outras temáticas de pesquisa também abordaram esse conceito, assim como ocorreu com o caso da territorialização do capital, todavia buscamos enfatizar os temas mais recorrentes em nossa análise.

Diante disso, é possível verificar que artigos que trazem a discussão das temáticas ilustradas no quadro 1, muitas vezes, ressaltam simultaneamente as duas teorias, visto que o modo capitalista de produção, por ser contraditório, possui distintas formas de expropriação do campesinato, ou seja, nem sempre ele avança no campo via implantação de relações tipicamente capitalistas de produção (territorialização do capital), mas, em alguns casos, pela extração de renda da terra produzida por relações camponesas de produção, as quais não se baseiam no assalariamento (monopolização do território), como nos aponta Oliveira (2016).

Considerações finais

A partir da construção da pesquisa identificamos que as abordagens teóricas em torno da monopolização do território e territorialização de monopólios têm sido trabalhadas para explicar o avanço da agricultura tipicamente capitalista no campo e a subordinação da produção camponesa pelo capital. Nesse âmbito, detectamos um crescimento da utilização dos dois conceitos ao longo das pesquisas analisadas nos anais do Simpósio Internacional de Geografia Agrária, o que indica uma consolidação desses conceitos como instrumentos teóricos para interpretar o avanço do modo capitalista de produção no campo e, através disso, elaborar estratégias de resistência junto aos povos do campo.

Também compreendemos que a abordagem dos conceitos de monopolização do território e territorialização do capital foram importantes instrumentos recorrentemente utilizados em trabalhos que discutem diversas temáticas no campo da geografia agrária, como

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

agronegócio, campesinato, conflitos territoriais, renda da terra, agrocombustíveis, questão agrária, entre outras temáticas que foram destacadas ao longo da pesquisa.

Por fim, identificamos que o autor prevalente como referência nos artigos analisados para discutir os processos de monopolização do território e territorialização de monopólios foi Ariovaldo Umbelino de Oliveira, sendo Oliveira (2004)¹¹ a obra do autor mais citada para fundamentar a análise dos dois processos. Nessa perspectiva, a maioria dos artigos analisados na revisão bibliográfica partiu das análises propostas pelo autor supracitado, que compreende o avanço do capitalismo no campo a partir da lógica do desenvolvimento desigual e combinado e tendo uma fundamentação teórica vinculada ao materialismo histórico, abordagem que, inclusive, é bastante presente nas pesquisas que dialogam com os dois conceitos.

Referências

ALVES, Flamarion Dutra; LINDNER, Michele. Agronegócio do café no sul de Minas Gerais: territorialização, mundialização e contradições. **OKARA: Geografia em debate**. João Pessoa, v.14, n.2. p.433-451. 2020.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 334 p.

BOMBARDI, L. M. Contribuição à historiografia da Geografia Agrária na Universidade de São Paulo. **AGRÁRIA**, São Paulo, n. 8, p. 99-121, 2008.

BOTTOMORE, T. (org.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução: Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 453 P.

CLAVAL, Paul. A geografia pós-estrutural e a abordagem cultural. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-17, e-200518, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/200518/186328>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

¹¹ Geografia Agrária: Perspectivas do início do século XXI (Oliveira, 2004).

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Tradução: José Braga Costa. Lisboa: Edições 70, 2014. 140 p.

CONCEIÇÃO, A. Luz. O Novo e o Velho: Os “resíduos” da Produção Familiar Camponesa. *In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária: O Campo no século XXI: Território de Vida, de Luta e de Construção da Justiça Social*, 1, 2003. São Paulo. Anais... São Paulo: ?, 2003.

CÔRREA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. *In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CÔRREA, R. L. Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 15-48.

CORREIA, S. C. C.; MOREIRA, E. A extração da renda da terra pelo capital na agricultura camponesa em Nova Floresta na Paraíba. *In: VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária e VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2013*. João Pessoa. *Anais...João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013*.

DELGADO, G. C.; LEITE, S. P. O agro é tudo? : pacto do agronegócio e reprimarização da economia. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/8864>. Acesso em 08 de fevereiro de 2024.

KROPOTKIM, Piotr. A descentralização da indústria. **GEOgraphia**, vol. 20, n. 42, p. 116-119, jan./abr. 2018.

LIMA, A. B. de. **Camponeses e Feiras Agroecológicas na Paraíba**. 2017. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01022018-114224/publico/2017_AlineBarbozaDeLima_VCorr.pdf. Acesso em 14 de setembro de 2023.

MARQUES, A. C. N. **Território de Memória e Territorialidades da Vitória dos Potiguara da Aldeia Três Rios, Marcação – PB**. (Dissertação de Mestrado em Geografia) João Pessoa: UFPB, 2009.

MARQUES, M. I. M. Geografia agrária crítica: um pouco de história. **Geousp – Espaço e Tempo (Online)**, v. 22, n. 3, p. 504-514, dez. 2018.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

MAURO, R. A.; CALAÇA, M. A expansão do agronegócio no Centro-Oeste brasileiro. *In: Anais do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária – IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária – Curitiba, 1 a 5 de novembro de 2017.*

MENDONÇA, M. Rodrigues; THOMAZ JUNIOR, A. A territorialização do capital nas áreas de cerrado e os impactos sobre o trabalho. *In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária: O Campo no século XXI: Território de Vida, de Luta e de Construção da Justiça Social", 1, 2003. São Paulo. Anais... São Paulo: ?, 2003.*

OLIVEIRA, A. U. de. A geografia agrária e as transformações recentes no campo brasileiro. *In: CARLOS, A. F. (Org.). Novos caminhos para a geografia. São Paulo: Contexto, 2012. p. 63– 110.*

OLIVEIRA, A. U. de. **A mundialização da agricultura brasileira.** São Paulo: Iandé Editorial, 2016, 545p. Disponível em: <http://agraria.fflch.usp.br/node/33>. Acesso em: 26 de junho de 2023.

OLIVEIRA, A. U. de. A mundialização do capital e a crise do neoliberalismo: o lugar mundial da agricultura brasileira. **Geosp – Espaço e Tempo (Online)**, v. 19, n. 2, p. 229-245, ago. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/102776>. Acesso em 21 de dezembro de 2023.

OLIVEIRA, A. U. de. Geografia Agrária: Perspectivas do início do século XXI. *In: OLIVEIRA, A. U. de; MARQUES, M. I. M. (orgs). O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo : Ed. Casa Amarela e Ed. Paz e Terra, 2004, p. 29-70.*

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

PAULINO, Eliane Tomiasi. Geografia Agrária e Questão Agrária. *In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez Medeiros & SUZUKI, Júlio Cesar (orgs). Geografia Agrária: Teoria e Poder. Ed. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 339-352.*

PRADO JR., Caio. **A Revolução Brasileira: A questão agrária no Brasil.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RATZEL, F. O povo e seu território. *In: MORAES, A. C. R. (org.). Geografia. São Paulo: ática, 1990, cap. 3, p. 73-82.*

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

RECLUS, Élisée. A origem da família, do estado e da propriedade. *In*: MORAES, A. C. R. (org.). **Geografia**. São Paulo: ática, 1990, p. 61-99.

SANTOS, S. J. dos; MATTOS JUNIOR, José S. de. A territorialização dos assentamentos rurais no Maranhão. *In*: **V Simpósio Internacional de Geografia Agrária e VI Simpósio Nacional de Geografia Agrária**, 2011, Belém. *Anais*. Belém: ed. Açáí, 2011.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Consequência editora, 2020.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: *O Campo no século XXI: Território de Vida, de Luta e de Construção da Justiça Social*", 1, 2003. São Paulo. *Anais...* São Paulo: ?, 2003.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira, 2, 2005, Presidente Prudente. *Anais eletrônicos...*Presidente Prudente: UNESP, 2005.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: *Questões agrárias na panamazônia no século XXI: usos e abusos do território*, 5, 2011, Belém. *Anais*. Belém: ed. Açáí, 2011.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: *Questão Agrária no Século XXI; escalas, dinâmicas e conflitos territoriais*, 6. 2013. João Pessoa. *Anais...*João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: *Jornada das águas e comunidades tradicionais*, 7, 2015, Goiânia. *Anais...*Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2015.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9, 2017, Curitiba. *Anais eletrônicos*. Curitiba, UFPR, 2017.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: *para além das cercas que nos cegam: as naturezas das r-esistências no campo na América Latina*, 10, 2019, Recife. *Anais eletrônicos*. Recife, UFPE, 2019.

SOUSA, R. B. de.; SOUSA, R. Á. D. de. A política da agricultura irrigada e a contradição

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

capital-trabalho na fazenda queiroz Galvão. *In: V Simpósio Internacional de Geografia Agrária e VI Simpósio Nacional de Geografia Agrária*, 2011, Belém. *Anais*. Belém: ed. Açai, 2011.

VASCONCELOS, T. S. L.; DINIZ, A. S. Perímetro irrigado Baixo Acaraú, relações assimétricas e mercado de terras no Estado do Ceará-Brasil. *In: VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária e VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária*, 2013. João Pessoa. *Anais...João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba*, 2013.

SILVA, J. Os conceitos de monopolização do território e de territorialização do capital a partir da perspectiva da geografia agrária. *Revista Rural e Urbano*, v.9, n1, 2024. p. 366-387.

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>